

Hyla meridionalis Boettger, 1874

Rela-meridional

Ranita meridional, Stripeless Tree Frog

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Hyla meridionalis foi durante muito tempo considerada uma subespécie de *Hyla arborea* (Mertens & Wermuth, 1960). Actualmente, é uma espécie válida (Paillette, 1967a; Rosa & Oliveira, 1994), bem diferenciada da primeira, tanto por critérios morfológicos e imunológicos (Crespo, 1972b; Schenkel-Brunner & Kothbauer, 1978), como por critérios bioacústicos (Boscá, 1880b; Héron-Royer, 1884; Paillette, 1967a, b, 1969; Schneider, 1968, 1974; Schneider et al., 1984; Oliveira et al., 1991).

A origem de *Hyla meridionalis* pode ter várias explicações alternativas: i) uma origem africana, pela diferenciação de uma forma ancestral migrando da Ásia até ao Norte de África, com posterior colonização da Europa através da Península Ibérica, ii) uma origem também africana, mas por diferenciação a partir de *H. arborea* migrante da Península Ibérica, com posterior recolonização ibérica pela nova espécie, ou iii) uma origem ibérica, por diferenciação a partir de populações de *H. arborea* isoladas a sul pelas glaciações do Quaternário, com posterior colonização de África (Vives-Balmaña, 1981). Embora nenhuma destas hipóteses possa ser liminarmente excluída, o elevado nível de diferenciação genética entre *H. arborea* e *H. meridionalis* (Nascetti et al., 1983; Hedges, 1986; Capula et al., 1990; Rosa & Oliveira, 1994; Rosa, 1995) torna pouco provável que a segunda se tenha diferenciado a partir da primeira, admitindo-se como mais plausível a primeira hipótese, isto é, que *H. meridionalis* tenha uma origem africana (Rosa, 1995).

A reduzida diferenciação e diversidade genética de *H. meridionalis* na Península Ibérica parece, também, indicar uma colonização e expansão recentes (Rosa, 1995). De facto, resultados muito recentes obtidos através da análise da variação do DNA mitocondrial sugerem a ocorrência de, pelo menos, duas introduções distintas, possivelmente de origem antrópica, a partir de populações do Norte de África, onde a espécie se terá originado (Recuero et al., 2007).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Esta espécie encontra-se distribuída, embora de forma fragmentada, na Península Ibérica, principalmente no quadrante

sudoeste, e ainda na Catalunha e Guipúzcoa, no Sul de França, Noroeste de Itália, Mónaco, Menorca, Canárias e Norte de África (Crespo, 1971, Barbadillo, 1987; Rosa, 1995; Ferrand de Almeida et al., 2001; Tejedo & Reques, 2002; AmphibiaWeb, 2008).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Distribui-se pelo Centro e Sul do país, constituindo a bacia do rio Mondego o limite norte da sua área de ocorrência.

A sul do rio Tejo está distribuída de forma bastante homogénea por todo o território. No entanto, essa homogeneidade desaparece na região do vale do Tejo, onde ocorre mais esporadicamente, e na região litoral entre as bacias do Tejo e do Sado, onde é praticamente inexistente. Entre o Tejo e o Mondego, *H. meridionalis* ocorre de forma regular na Beira Interior, até à Serra da Malcata, que constitui o extremo setentrional da sua distribuição.

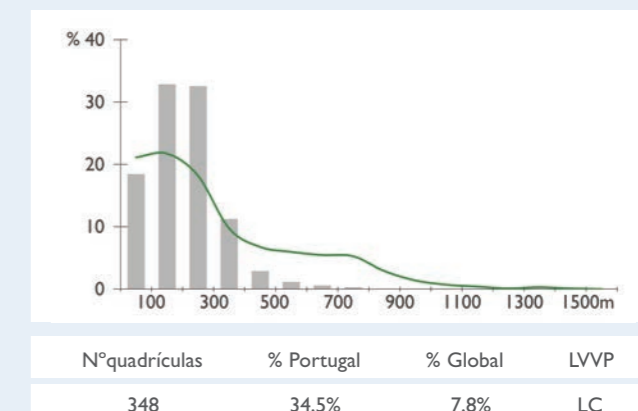
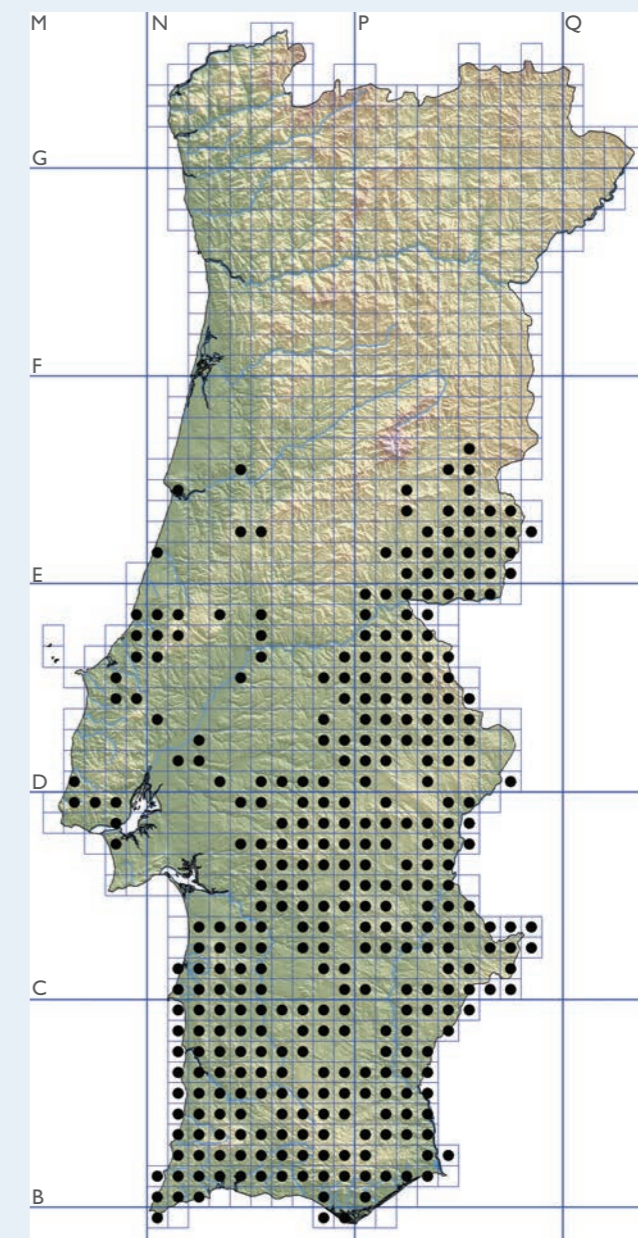
No litoral, apresenta uma distribuição muito mais fragmentada, ocorrendo em núcleos populacionais isolados nos vales dos rios Mondego e Liz, na Serra de Sicó e, mais a sul, na região de Alcobaca, prolongando-se este último núcleo para a Serra d’Aire e Candeeiros. Ao longo do vale do Tejo podem, ainda, encontrar-se populações isoladas ou muito fragmentadas nas regiões da Grande Lisboa, Benavente e Salvaterra de Magos. Embora a sua distribuição não seja coincidente com a de *H. arborea*, há uma ampla área de sobreposição entre as duas espécies, verificando-se uma apreciável abundância de locais de sintopia onde as duas espécies podem hibridar (Crespo, 1972b; Oliveira et al., 1991; Rosa & Oliveira, 1994; Rosa, 1995).

Ocorre geralmente a baixa altitude, desde o nível do mar até aos 900 m, na Serra de Monchique (Malkmus, 2004). Sendo mais termófila (Vives-Balmaña, 1981) e preferindo menores altitudes do que a sua congénere (Arnold & Ovenden, 2002), esta espécie tem, apesar disso, uma ecologia e hábitos semelhantes, ocupando zonas húmidas, tais como charcos, ribeiras e lameiros. Prefere locais com boa cobertura vegetal, sobre a qual vive durante todo o ano, com excepção da época de reprodução. A sua principal defesa é o mimetismo, podendo, por vezes, encontrar-se exemplares de tons variados.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

As principais áreas de distribuição da espécie no Sudoeste da Península Ibérica e Sul de França parecem manter um número relativamente elevado de populações, embora a rápida destruição dos biótopos de reprodução e o uso intensivo de pesticidas possam vir a modificar esta situação num curto período de tempo (Gasc et al., 1997). Os isolados populacionais, em particular nas zonas periféricas da área de ocorrência, podem apresentar problemas de conservação. Na Península Ibérica, em virtude da sua distribuição em vários núcleos isolados, podem ocorrer extinções pontuais, estando esta espécie classificada em Espanha como “Quase Ameaçada” (Tejedo & Reques, 2002). Em Portugal, apesar de ter sido considerada “Não Ameaçada” (Oliveira et al., 2005b), podem existir populações localmente em perigo, à semelhança do que ocorre em Espanha, em particular nos isolados populacionais do litoral centro, do vale do Tejo e da Grande Lisboa. Estas são as áreas que têm sofrido maiores alterações do habitat, não só em termos de urbanização como também em termos de aumento das áreas agrícolas de regadio e agricultura intensiva, com forte recurso a pesticidas e fertilizantes. A rápida degradação dos biótopos aquáticos, quer através da destruição da vegetação das margens, quer da contaminação química das águas, constitui uma ameaça à conservação de *H. meridionalis*, e ambas são consequência do abandono dos métodos agrícolas tradicionais. Assim, a manutenção destes ambientes com qualidade afigura-se como a mais importante medida para a conservação da espécie.

Humberto D. Rosa e João M. Pargana



CC



PhG



JMO